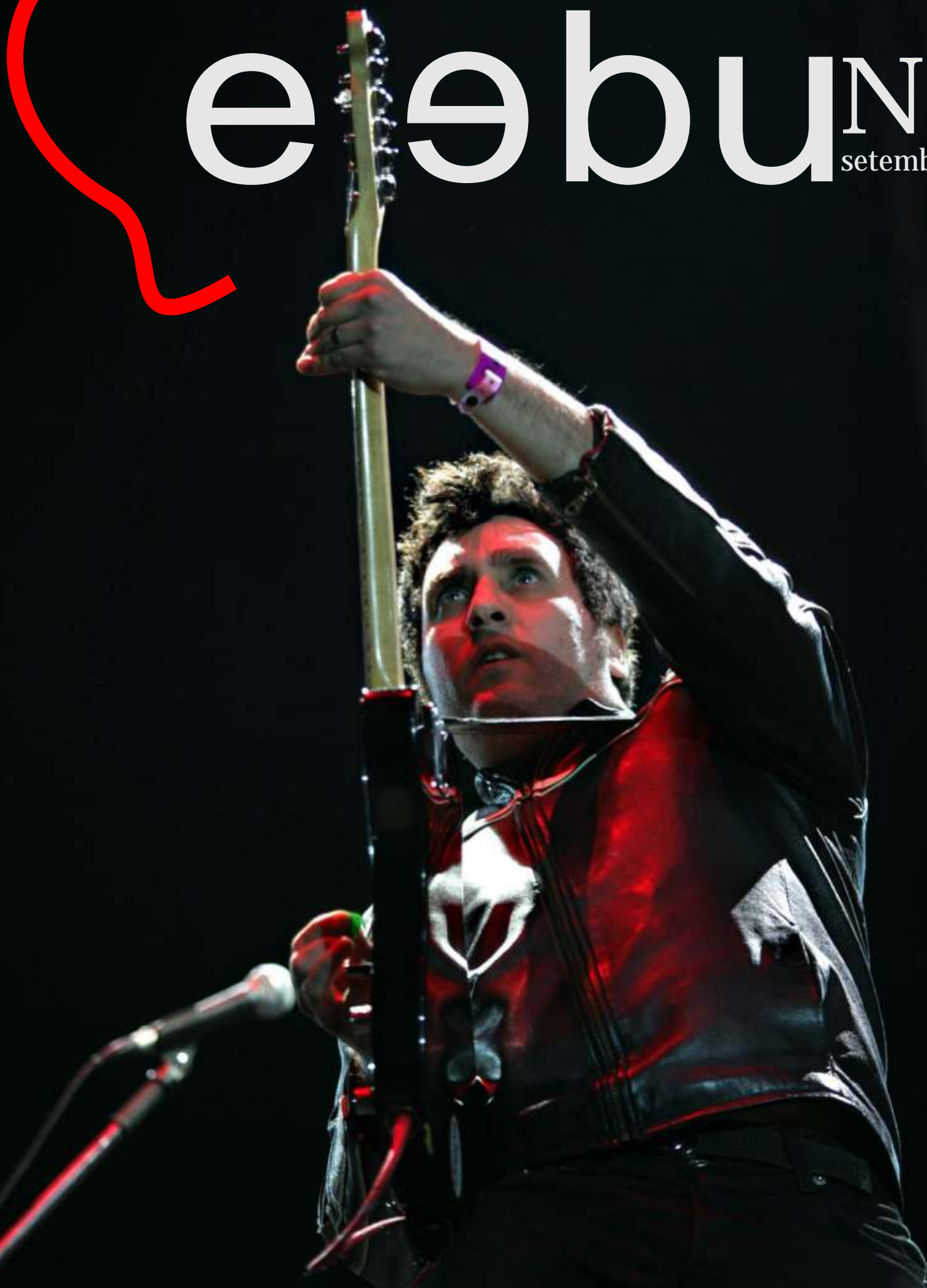




e ə b u N° 36

setembro de 2008



Olá. Seja bem-vindo àquela que chamo de "The Black Issue", ou a "edição negra". Em geral as pessoas quando lêem um título assim logo pensam em algo como "listas negras" onde só há detonação e nenhuma palavra de afago. Bom, essa nunca foi a idéia aqui. Esta é uma edição negra porque todas as páginas são dessa cor. Simples assim.

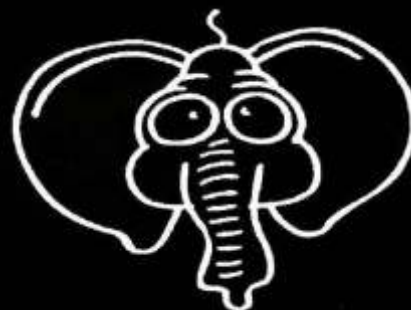
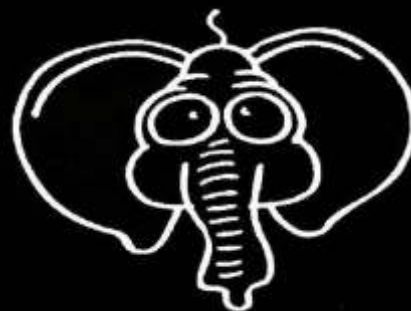
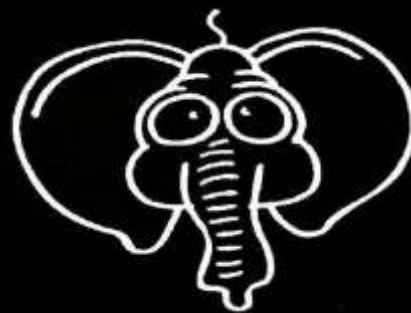
Há algum tempo tinha vontade de fazer edições que tivesse um diferencial estético. Ou uma toda em alto-contraste, ou com as páginas de uma cor só, enfim, que estabelecesse um padrão único e que servisse de contraponto ao conceito de "cada matéria tem a sua identidade". A idéia específica das páginas todas pretas nasceu na edição anterior. Foi quando quase a metade do zine foi diagramado dessa maneira. Percebi que a página negra, embora baixasse um pouco a energia, proporcionava o uso de fotos vazadas sem precisar recorrer ao photoshop (que dá muito trabalho). Era possível fazer montagens mais ousadas e que davam um efeito mais bonito.

O assunto central do mês são festivais de rock que, convenhamos, acaba padronizando demais as informações e estilos de texto. Coloque um complicador aí: fazer uma cobertura de um jeito original sem uma equipe é praticamente impossível. Já que os textos não teriam grandes novidades ou informações, então a parte gráfica tinha de arrebentar. Mais uma razão para investir numa edição negra.

Tomei também o cuidado de deixar as coisas mais limpas possíveis. Queria experimentar espaços maiores para fotos menores e textos idem.

Da escolha da capa, eu já saí da arena do Porão do Rock decidida a ter o Autoramas ocupando o lugar. Tirei algumas fotos, mas nenhuma boa o suficiente para merecer o posto. Foi quando visitei o site oficial do festival. Lá tinham poucas, mas ótimas fotos tiradas no evento pelos fotógrafos contratados pela própria produção do Porão. A maioria do jeito que eu queria: fundo negro. Essa do Gabriel Thomaz então encaixou como uma luva, inclusive dando a possibilidade de interagir com o logo do zine.

Eu gostei muito do resultado final. E você?



ELEFANTE BU N° 36

EDIÇÃO, DIAGRAMAÇÃO, PRODUÇÃO E
TEXTOS NÃO ASSINADOS:

Djenane Arraes

DIAGRAMAÇÃO "PORÃO WEB":

Washington Ribeiro

CAPA:

Foto do Site oficial do Porão do Rock

COLABORADORES:

Leonardo de Moura, Washington Ribeiro, Dewis
Caldas, Rúbia Cunha e Marcelo Leite.

AGRADECIMENTOS:

Gabriel Thomaz

BLOG PARA DOWNLOAD:

<http://elefantebu.poraki.com.br>

CONTATO:

elefantebu@yahoo.com.br

CANÇÕES E AFINS:

A Roupas do Corpo, Pato Fu (é verdade que é uma canção de enomenda. Mas que saber? Que música bacana! Se ela fosse incluída no disco mais recente, seria a melhor disparada. Confesso que andava meio aborrecida com a banda. Não com os integrantes, mas com o trabalho em si. O *Daqui Pro Futuro* é um disco tipo o *Isopor*: tirando duas ou três faixas, não faço questão. Isso fez com que as coisas ficassem mais frias e eu desconfiada... é que acabo exigindo demais também. Daí eles fazem uma música bonitinha igual essa e aquela brasa Pato Fu fica forte de novo. É como se eles me mostrassem que não perderam a mão e que posso continuar acreditando); *Sympathy For the Devil*, The Rolling Stones; *You Can't Always Get What You Want*, The Rolling Stones; *Oh Boy*, Transcarga; *Beautiful Day*, U2; *A 300 km/h*, Autoramas; *The Story*, Norah Jones.

ziniando/ capa:

Porão do Rock 2008

ziniando:

Gabriel Thomaz

Fred 04

Pitty

conexão hellcity:

Calango 2008

o guia:

00h08m13s

para ver:

A Companhia dos Lobos

Um beijo roubado

olhares:

Ruben Cukier

mundo geek:

Ultimate Marvel

cinco bolinhas:

Seleção Feminina de Vôlei



um porão diferente

Djenane Arraes

O festival Porão do Rock 2008, realizado nos dias 1 e 2 de agosto, foi um marco na história do evento: pela primeira vez foi de fato internacional. É verdade que houve bandas estrangeiras se apresentando em algum dos palcos nos anos anteriores, mas eram pouco conhecidas, em geral que integravam o circuito indie. As mais famosas, como *Mudhoney* - que veio ao Brasil ano passado - eram mais antigas, com muitos fãs fiéis, é verdade, mas que se encontravam fora da grande mídia estrangeira, inclusive. Outro exemplo foi a norte-americana *Suicidal Tendencies*, que se apresentou neste ano: uma banda com uma história importante dentro de um contexto mundial, porém já descaracterizada.

Desta vez não foi bem assim. A produção trouxe o *Muse*, trio inglês com

pouco mais de dez anos de existência e que vive um momento "hype" na carreira. Faz shows homéricos na terra natal, alguns nem tanto nos Estados Unidos, e chegou na América Latina com moral e destaque em grandes jornais. A produção da banda exigiu equipamento de primeira, levou a própria iluminação, telão e etc. Até para tirar fotos ou filmar 30 segundos das três primeiras músicas era preciso assinar contrato de responsabilidade que os pobres profissionais, naquela ânsia de fazer logo o trabalho, escreveram seus nomes ali sem ler. Lógico que o grande público não estava incluído e tirou fotos à vontade (além do show inteiro ter sido registrado pelas câmeras amadoras que divulgaram tudo no Youtube).

Toda a frescura teve o seu lado compensador. O público brasiliense (e de outras freguesias) conferiu um espetáculo. Claro que não era nenhum U2, mas sim, foi um show bem produzido, ensaiado, com direito a efeitos especiais que fizeram a galera delirar. O *Muse*



abriu um precedente e o festival ganhou moral. Agora tem tudo para fazer parte do roteiro dessas bandas maiores que quiserem se aventurar pela América Latina depois de fazerem o circuito de festivais do verão europeu e dos Estados Unidos. Outro "efeito *Muse*" positivo foi na questão da pontualidade. Uma vez "forçada" a ser mais eficiente, a produção cuidou bem até dos horários das apresentações. Uma delícia não ter mais que aturar quase duas horas de atraso para a primeira banda e nem aguardar até às quatro horas da manhã para ver a última entrar. E pensar que essa foi a tônica de todas as dez edições anteriores.

E não foi apenas aí que o Porão do Rock cresceu e se modificou. Apenas de palcos foram três: dois maiores onde as principais bandas faziam shows que iam de trinta minutos a hora e meia de duração, e um menor, mais afastado instalado logo ao lado dos portões de entrada destinado às bandas que participaram de seletivas. O chato é que os shows do palco "Pílulas" eram

simultâneos com os principais, o que dividia a atenção. Houve momentos, inclusive, que o público concentrado na entrada da arena era maior do que nos principais. A arena estava ótima, muito bem estruturada com as banquinhas de vendas de CDs, camisetas e outras coisinhas. Além do mais, pela primeira vez, a praça de alimentação foi organizada e explorada por uma única empresa: a rede de fast food Giraffas. Funcionou bem, apesar do monopólio e da mesma exploração.

Resultado? Satisfação, claro. Público saiu feliz pelo conforto numa arenas menor, porém bem dimensionada no já tradicional estacionamento do estádio Mané Garrincha. A estrutura foi muito boa, não havia o que reclamar da falta telões ou monitores, todos bem servidos, com segurança atenta e nenhum incidente grave ou registros de tumultos. Porão do Rock 2008 entrou para a história como um sinônimo de como organizar um bom festival no Brasil. E Brasília só tem a ganhar com essa evolução.



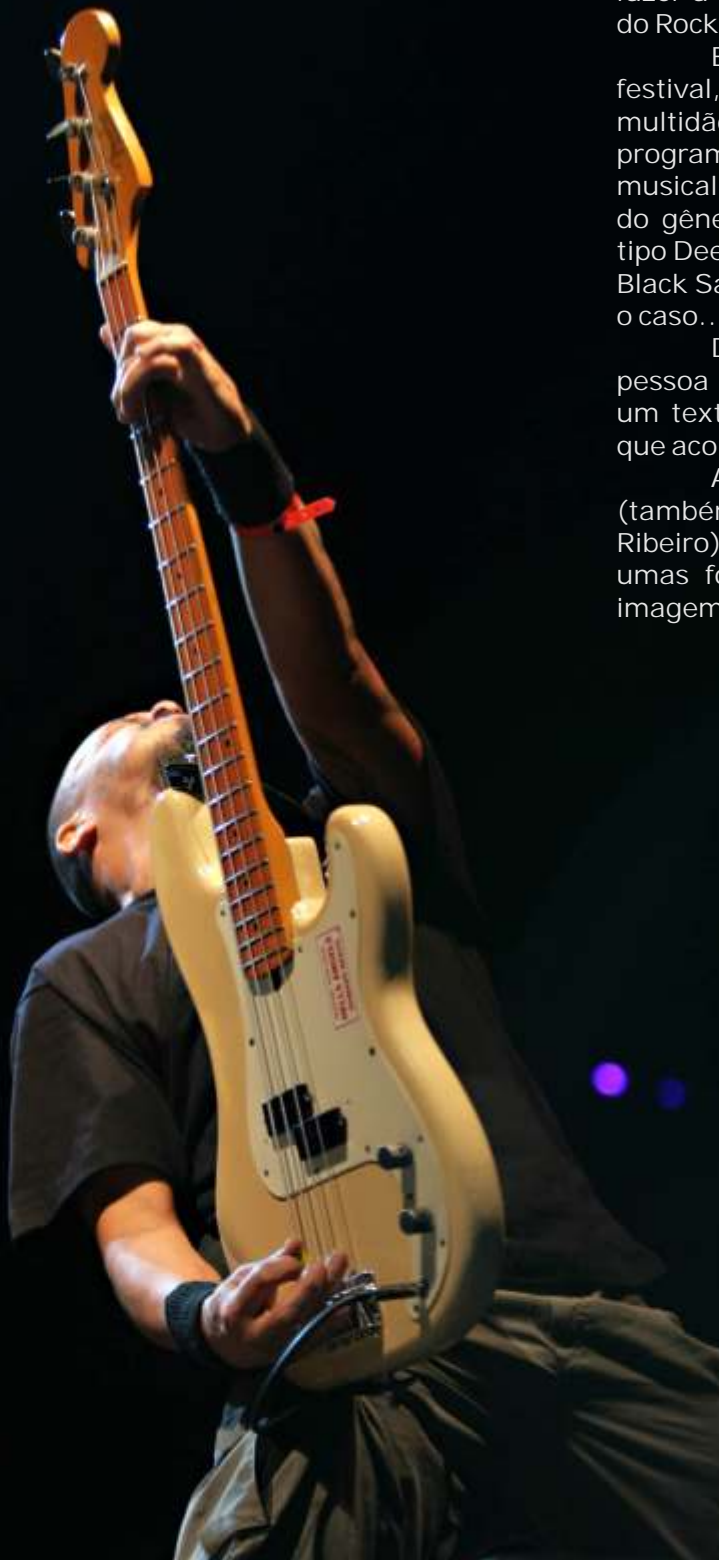
dia 1

Meu pedido de desculpas aos metaleiros e amantes do rock mais acelerado. Enfim, a todos aqueles que amam vestir camisas pretas com desenhos da múmia do Iron Maiden. Não apareci no estacionamento do Mané Garrincha para fazer a cobertura do primeiro dia do Porão do Rock.

Entenda que depois de 11 anos de festival, hoje me permito só encarar a multidão e o barulho nos dias que a programação atende melhor o meu gosto musical. Olha que eu gosto de muitas coisas do gênero, em especial as boas velharias tipo Deep Purple, AC/DC, algumas coisas do Black Sabbath, Sepultura... e como não era o caso...

De qualquer forma eu mandei uma pessoa para, ao menos, tirar fotos e fazer um texto de dez linhas que fosse sobre o que aconteceu. Olha, levei um cano!

Ainda bem que o Babaloo Kid (também conhecido como Washington Ribeiro) deu uma passada por lá e tirou umas fotos bacanas. Salvou o dia! Uma imagem, afinal, vale por mil palavras.





Suicidal Tendencies



DFC



Matanza



Madame Satan



Mukeka Di Rato



Nitrominds

dia 2

Muito antes do primeiro "megashow" do Porão do Rock, o projeto *Vai Thomaz no Acaju* abriu o dia mais pop do festival com um repertório recheado de "velharias" brasilienses, mas que continuam agradando mesmo assim. E o combinado de Gabriel Thomaz e a banda Móveis Coloniais de Acajú reviveram clássicos locais do DFC, Little Quail e diversas outras "vinhetinhas" que a Móveis costuma fazer em seus shows regulares. Uma festa bem informal e descontraída para uns poucos que resolveram chegar no horário. Foi também um raro momento onde a própria produção do festival relaxou e curtiu o som. O jornalista Marcos Pinheiro não se conteve e bateu cabeça na música 1, 2, 3, 4. Momento inusitado!

E isso só foi um gostinho do que viria depois dentro de uma programação equilibrada e boa, feita para ganhar. Tirando alguns equívocos, ninguém teve razão para sair insatisfeito da arena montada no estacionamento do Mané Garrincha. Dos metais do Vai Thomaz, o público passou a escutar os metais da *Canastra*, banda do Rio de Janeiro liderada por Renatinho Martins - ex-Acabou La Tequila. O interessante é que eles começaram o show com hino nacional. Ora, os Beatles começaram música com hino da França, Jimi Hendrix arranhou o hino norte-americano e todo mundo achou lindo, então porque não fazer um arranjo diferente do hino nacional para começar um show? Foi uma apresentação surpreendente e competente. Depois metais recheados de jazz e música brasileira entrou em cena o rockabilly da *Sapatos Bicolores*. O trio é uma das poucas bandas surgidas na fraca safra brasiliense desta década que consegue desenvolver um trabalho interessante, apesar das grandes dificuldades do mercado independente. Bom, mas isso daí é complicado para todos, não é mesmo? De qualquer forma, fizeram um show bacana, acima das expectativas até.

A próxima banda que fez uma sonzeira da boa foi a argentina *The Tandooris*. Não, eles não tocaram após os Sapatos apesar da programação. Deram azar porque na época estava acontecendo um ensaio de caos aéreo argentino que atrasou vários vôos, incluindo o que veio o quarteto. Chegaram em Brasília com o Porão do Rock já rolando e tiveram de ir do aeroporto direto pro palco. Mas desse "azar" veio uma sorte danada. Isso porque o atraso forçou a produção a adiantar algumas bandas para manter o horário. Como eles tocaram mais tarde que o programado, puderam aproveitar um público bem maior. Sem querer levantar polêmica, mas é algo a se pensar em trazer mais bandas do circuito alternativo sul-americano. A verdade, que precisa ser dita, é que são bandas superiores a

boa parte das brasileiras. Se preocupam mais com a qualidade e mostram usar as referências que têm de um jeito mais esperto, buscando a originalidade. O show da Tandooris foi maravilhoso, ganhou a galera que não sabia uma vírgula do que eles estavam tocando.

Foi um ótimo esquentar para o *Autoramas*. Aliás, o trio e os argentinos são amigos que se prestigiam, mas nunca tiveram a oportunidade de tocar num mesmo evento. A troca deu muito certo. O público entrou afinadinho para Gabriel Thomaz, Bacalhau e Flávia. Que por sua vez deixou o clima lá em cima para a *Mundo Livre S/A*. Era a segunda vez de Fred 04 e cia no Porão. O primeiro show deles, na época do lançamento do *Por Pouco*, foi um marco, onde Fred levantava o cavaquinho e gritava "isso é hardcore" numa resposta aos metaleiros e "pré-emos?" presentes na ocasião. Desta vez nada de stress. Um show tranquilo e muito bom com referências à Nação Zumbi e Chico Science. O problema é que a *Mundo Livre S/A* não tem mesmo uma obra das mais fáceis e populares. Mas quem estava em dia com o som da banda, se esbaldou.

A *Pitty* entrou no palco com o jogo ganho e fez um show competente como sempre. Preparou bem o terreno para o "megashow" da *Muse*. Aliás, a produção dos ingleses chegou exigindo o melhor equipamento, tinha iluminação própria, telão, efeitos pirotécnicos. Algumas pessoas podem até pensar que seja frescura demais. Não é. *Muse* subiu ao palco preparada para fazer um show redondinho, ensaiado, planejado e deve ter até direção de palco se brincar. O som estava tão bom, que era possível ouvir com nitidez até os sussurros do vocalista Mathew Bellamy. De fato eles proporcionam um espetáculo para o público, justificaram cada centavo do ingresso. Tudo bem que deve dar um trabalho danado, mas isso indica que ainda há muita coisa para se mudar na mentalidade das grandes bandas brasileiras e na dos produtores também.

Faltou falar das bandas *Lucy And The Popsonics* e *Supergalo*. Não é que elas fizeram maus shows, pelo contrário. A *Lucy* foi extremamente competente por sinal. Mas é que esse pessoal tem produção e lobby demais para música de menos. Já os franceses da *Papier Tigre* são fracos mesmo. Se for para trazer de fora uns caras assim, digo que é muito mais lucro abrir o espaço para uma boa banda nacional.

Desculpas pela falta de cobertura do palco pílulas. Mas só é humanamente impossível fazer a cobertura completa de um festival deste tamanho.



guitar hero



Gabriel Thomaz, do Autoramas, é o maior entre os guitar heroes brasileiros. Da atualidade, é o mais emblemático. E nada de "puxar sardinha" aqui não. Isso é uma constatação que os grandes críticos de música poderiam fazer. Gabriel figuraria em qualquer lista desses profissionais. E ele é um guitar hero sem ser galã, sem usar roupa da moda, sem ser "estrelinha", sem ter publicidade de gravadora ou aparecer na capa da Rolling Stone (embora mereça uma boa reportagem por lá). O que o sustenta é uma música excelente e o fato de tocar pra caramba.

Há ainda pequenas coisas que se pode observar e que reforçam o fato que Gabriel é o cara: é algo que está em sua postura e da banda no palco onde ele junto com Flávia fazem dancinhas coreografadas, sabem animar e são carismáticos. O guitarrista e vocalista do Autoramas ainda é capaz de fazer uma multidão se render usando seus solos poderosos. No festival Porão do Rock não foi diferente e o trio Autoramas fez o que quis no palco, Bacalhau dançava e tocava bateria, Flávia mostrava espírito enquanto Gabriel deixava bem claro que aquele espaço era dele. "Foi muito divertida (a apresentação no Porão), eu estava muito à vontade e Brasília é a minha casa", disse.

Mesmo com apenas 40 minutos (que injustiça), o Autoramas levou ao palco (o mesmo da Muse) um show montado em cima das canções do disco mais recente, e sem medo de ser feliz. "No disco novo estão nossas melhores músicas, e priorizamos sempre as melhores". Gabriel sabe do que fala. *Teletransporte* é mesmo o melhor disco de sua carreira (até agora), onde não há uma música que possa considerar mais ou menos. É nele que está, inclusive, as melhores letras do Autoramas: *A 300km/h,*

Hotel Cervantes e *Mundo Moderno*. Aliás, Gabriel andou sendo lembrado nisso aí também. "Saíram umas listas por aí me colocando como um dos melhores letristas, mas é difícil concordar com isso com tanta gente boa que tem por aí, ontem e hoje". Bom, nada de estranho se considerar que até hoje marmanjos gostam das músicas que fez no Little Quail, que era só diversão. Ele mesmo disse que tem muito orgulho delas. "São músicas que fiz quando era moleque e que acho até hoje bem legais. Mas teve uma época que quis apresentar outras coisas. Foi quando começou o Autoramas".

E por confiar tanto no novo repertório, até *Surtei*, música densa mais instrumental que cantada, foi levada com sucesso. Pena que *Digoró* não teve espaço. É uma canção que conta a saga de uma viagem alucinante de um garoto drogado. Na verdade é uma nova versão que Gabriel decidiu colocar em *Teletransporte* porque sentiu que estava perdendo um pouco da relação que ele tinha com Brasília e o DF e que sempre foi um aspecto bacana em sua carreira. "*Digoró* é uma música bem antiga que sempre gostei feita por um cara genial, o Natinho. É uma ficção científica sobre Taguatinga. Tem coisa mais linda?". Se é linda ou não, vai de cada um, mas que é um barato, ah, isso é com certeza.

O público ainda se deliciou com algumas pérolas mais antigas como *Carinha Triste*, *Nada a Ver* e *Catchy Chorus*. Mas pode ter certeza: o novo foi a vedete. Quando o trio Autoramas deixou o palco, a sensação só não foi de vazio porque em seguida viria a Mundo Livre S/A que fez muito bonito também. Apesar da banda top internacional ser a estrela da programação, o melhor show da noite saiu da guitarra e da voz de Gabriel Thomaz, do baixo da Flávia Couri e da bateria do Bacalhau.

cerebral

... é assim que tem que ser...



Fica difícil saber quem é o grande observador quando falamos de Fred 04. É o músico e líder da Mundo Livre S/A ou é a imprensa que se reúne na saleta para entrevistá-lo? O que deve ter ele pensado ao ver jornalistas se transformando em tietes quase tão enfáticas quanto aos adolescentes do lado de fora ao final da coletiva com a Pitty, para em seguida ver a sala ser esvaziada onde menos da metade dos profissionais permaneceu para ouvi-lo? Ou quando a atenção para suas palavras foi dividida com a distribuição de adesivos da rádio Porão do Rock?

Enquanto isso, Fred não respondia perguntas: fazia verdadeiras palestras em meio de questionamentos genéricos sobre internet, gerações e manguebit. E nesse meio tempo, colocava à mesa questões relevantes para a música. Mais que isso, mostrava nas entrelinhas aos profissionais ali presentes que era preciso mudar as perguntas. E como se faz isso? Se informe mais, estude mais! Contou o caso do manguebit, da época do lançamento do manifesto "Caranguejos Com Cérebro", que era na verdade um release que ele escreveu e foi prensado no encarte do disco *Da Lama ao Caos* de Chico Science e Nação Zumbi. O texto acabou criando uma atmosfera de movimento, que na realidade não era bem assim. Contou que gente do Brasil e do mundo inteiro, entre entusiastas e pesquisadores, foi a Recife para saber "qualé". Milhares de perguntas foram feitas, teses foram levantadas e trabalhos acadêmicos publicados. "O engraçado é que quando o manguebit fez dez anos", continuou Fred, "houve novamente a mesma invasão de pesquisadores fazendo exatamente as mesmas perguntas".

Fred mostrou uma compreensão ímpar das diferenças entre a sua geração e a atual de Recife: as referências mudam! O que é interessante para o jovem hoje pode não ser mais amanhã. Assim como muitas vezes o gosto musical da pessoa vai se diversificando e se refinando com o passar do tempo. Claro que Fred 04 usou mais palavras que isso, mas não deixa de ser um bom resumo. E a respeito da velha questão do independente? Para Fred é outro ponto que precisa ser redefinido, uma vez que até a Madonna é independente nos dias de hoje, claro que num patamar que envolve milhões de dólares. O mesmo cabe ao conceito de "alternativo" visto à grande oferta de sons e estilos diferentes que são mais e mais consumidos.

Perguntei a respeito da coragem do Fred e da banda em assumir posições políticas claras, expressas, inclusive, no disco *O Outro Mundo de Manuela do Rosário*, em especial no apoio ao MST e na causa dos índios Xucurus. Fred disse que assim como a colega Pitty, ele acha que não se pode ter medo de arriscar. Foi o que ele e a banda fizeram. *O Outro Mundo de Manuela do Rosário* foi uma tentativa de unir música com linguagem jornalística. Dali emendou com a conclusão a respeito da própria obra. Que ele tem muito orgulho de tudo que criou, até mesmo do disco *Por Pouco*, que é o mais comercial - o que eu não concordo muito porque é um trabalho elegante demais para toda essa pobreza que reina nas rádios.

Ao final da coletiva, a sensação de ser novamente uma aluna que sai satisfeita de uma aula muito boa. Nada melhor do que encontrar alguma coisa que te acrescenta em meio de tanto barulho, bebida, cigarro, multidão e superficialidade. Será que alguém mais sentiu o mesmo?

Pode-se até criticar a música da Pitty e não gostar da figura, mas tem que respeitá-la. Não apenas da forma que um ser humano deve reservar a qualquer outro. É preciso dar o justo crédito por sua carreira, da maneira que ela a construiu e chegou até o topo. "Vocês pensam que colocar *Máscara* nas rádios foi fácil? Foi na base de muita luta, de pedir para a galera encher o saco com ligações na rádio", disse aos jornalistas presentes na coletiva do Porão do Rock. Ainda lembrou aos presentes que boa parte do público só foi conhecê-la depois de *Equalize*, uma balada mais fácil de ser absorvida pela massa. Pitty fez muita campanha publicitária, tocou muito no Faustão - mas se ela não ocupa esse espaço, então será um sertanejo e um pagodeiro qualquer - tudo sem deixar de ser ela mesma. Não se pode dizer que ela seja apenas uma artista comercial. É mais justo reconhecer que o sucesso de sua música é que abriu espaço para um rock mais pesado pudesse ter maior visibilidade.

Na segunda noite do Porão, Pitty mostrou muita força. Apesar de ter feito o show que foi um esquentar para a Muse, não quer dizer que ela tocou para o público dos ingleses. Desde cedo havia chegado à arena do estacionamento do Mané Garrincha uma turma uniformizada, a maioria adolescentes que tinha cerca de 15, 16 anos. Boa parte deles soltou gritos de "linda" durante a coletiva, para qual, é bom ressaltar, a cantora precisou chegar com o auxílio de alguns seguranças. Preciosismo? Necessidade! "Eles são muito dedicados", reconheceu a cantora, ainda mostrando ainda algum desconforto com o assédio, mas sem perder a simpatia. Por outro lado, quando perguntada se ela se preocupava em dar o exemplo para os fãs, foi incisiva. "Eu acredito, acima de tudo, no livre arbítrio. Cada um tem a liberdade de pensar e agir por conta própria".

Então por esse mesmo livre arbítrio que o pessoal aglomerou na frente do palco para a terceira apresentação de sucesso de Pitty no Porão do Rock, festival que, é bom lembrar, foi o primeiro grande que ela fez em sua carreira. O que é legal observar é que o show dela se transformou num greatest hits, mais ou menos como acontece com o Kid Abelha: você não precisa nem ter os discos para saber cantar o set list do início ao fim. Foi uma sequência com *Admirável Chip Novo*, *Equalize*, *Memórias*, *Na Sua Estante*, *Deus Lhe Pague* (do Chico Buarque), finaliza com *Máscara*. Logo se pode concluir que trabalho ela não teve, afinal, já que entrou com o público ganho. Mas o que foi interessante mesmo foi observar as pessoas que não gostam da música. Mesmo assim elas ainda observam não com deboche, mas com atenção. Como foi dito logo no início, pode-se não gostar da música, mas a Pitty é respeitada.

Em tempo, Pitty informou que a turnê está chegando ao fim e, logo após, ela deve tirar férias e começar a trabalhar no próximo disco. Ela não sabe ainda qual a cara ele terá afinal de contas, "é preciso tocar as músicas para saber como elas vão ficar", como bem disse a cantora. Mas o recado é que pode sim esperar por algumas mudanças, afinal, ficar com a carreira estagnada numa coisa só não faz a cabeça dessa baiana.

livre arbítrio



calango 2008

primeiro dia

Quem embarcou em Cuiabá nos dias 08, 09 e 10 de agosto para o Festival Calango foi surpreendido com uma novidade: o Cubo Card, uma moeda complementar que seria usada dentro da Cidade das Artes e também aceito nos demais serviços integrados ao festival como hotel, alimentação, passeio para Chapada dos Guimarães, assessoria de imprensa, ensaios e tudo o que o Calango – que setorna o maior Festival de Artes Integradas da América Latina - pudesse oferecerem suas estruturas.

Boa parte das caravanas chegou quarta-feira para participar do primeiro dia do Congresso Fora do Eixo (que ocorreu até domingo), dos seminários, debates e shows gratuitos pré-festival. Uma série de palestras e Gt's começaram a funcionar desde então sendo discutidos temas como distribuição fonográfica, agenciamento de bandas, comunicação independente ligada em circuito, economia solidária e intercâmbios culturais, dessas discussões nasceram novas diretrizes que pautarão ações do setor por um ano - ou mesmo - até o próximo congresso. Enquanto isso o Centro de Eventos do Pantanal, local onde seriam os shows, já erguia as estruturas.

O conceito do festival era criar campos de vivência entre todos os projetos desenvolvidos aqui em Cuiabá pelo Espaço Cubo. Por isso, o complexo de integração desses projetos, intitulado Cidade das Artes – construída no local do festival – apresentou diversos ambientes de apresentação (e uso) de todos os projetos como a moda e a literatura, a tatuagem e o teatro, do jogo Guitar Hero até as rodas de break feita no centro da cidade, além de mais de 20 estandes com os principais selos e entidades atuantes da cena independente nacional.

Entrando na Cidade das Artes tinha desde comidas típicas até camisetas sendo feitas na hora pelo estande da CUFA – Central Única das Favelas, e paralelo à tudo isso começaram os shows. Embora seja um festival que tenha como grande atrativo a música, a mesma é só mais um item no meio dos segmentos que lançaram projetos nesta sexta edição do festival, que é um eventos de artes integradas desde edições anteriores. A noite começou com duas bandas locais de blues e brega, *Vitrolas Polifônicas* e *Los Bob's*, ambas com pouco tempo de estrada e que não fizeram um show muito e – principalmente a segunda - tecnicamente fraco. Os programas da rádio Fora do Eixo começaram a ir por ar e uma grade com os principais produtores radiofônicos dos estados que foram cobrir o festival receberam um espaço, o estúdio foi montado num estande na frente do palco com entrevistas e trechos de shows rolando ao vivo - e que agora podem ser ouvidos aqui ([link www.foradoeixo.org.br](http://link.www.foradoeixo.org.br)).

Sweet Fanny Adams foi uma das boas surpresas da noite e depois do agitado show os pernambucanos devem ter conseguido um bucado de fãs aqui em Cuiabá. *Ebinho Cardoso*, um dos grandes instrumentistas mato-grossenses tocou com seu trio elevou o flerte instrumental e erudito para o festival, na apresentação ainda contou com a participação do baixista Celso Pixinga, que veio para Cuiabá para a curadoria do Festival Cover Baixo, organizado inclusive pelo próprio

Ebinho e que entrou na programação oficial como um das ações do Calango. A dupla goiana *Diego de Moraes e MQN* tomaram o espaço do Centro de Eventos do Pantanal etocaram o melhor do que está rolando na capital do estado vizinho em todas assuas interfaces, seja com o psicodelismo tropicalista do frontman Diego ou o stoner já tradicional e clássico do MQN - Shows de quem sabe o que tá fazendo no palco. Para a galera que usa preto e maquiagem carregada, a noite ainda reservava a fúria e entrosamento do *Venial* chamando a galera pro intimista como som mais pesado e mais limpo ao mesmo tempo entre as bandas que tocaram nodia. A banda lança no Calango o novo Ep *Surtar a Dor*, através do selo Sindicatto.

Instrumental, mas bem diferente do Ebinho, foi o *Pata de Elefante* (RS), pela quinta vez em Cuiabá o trio instrumental tem a influência rock sessentista e do surf, e ainda varia os diversos segmentos pós-setenta durante o show, quem tava lá ficou vidrado na guitarra e os licks fritaram a cabeça de muito nego que ficou de frente pro P.A. Depois deles *Garage Fuzz*, uma das mais esperadas da noite, rasgou o hardcore venerado poralguns que ficaram ali na frente, depois do show vi um cara todo suado comentando todo excitado do show, dali ele foi fazer uma tatuagem em um dos seis estandes montados na Cidade. *Jumbo Elektro* fez uma das apresentações mais perfeitas tecnicamente da noite. Tatá Aeropalno, vocalista, subiu com uma câmera na mão (mesma que ele usou no show do Cérebro Eletrônico no diaseguinte) com a proposta, segundo ele, de fazer um mini doc sobre o Calango. Quem nunca tinha visto o show deles ficou querendo mais, quem já tinha visto soltou aquela frase: -

hoje estão inspirados.

Papier Tigre, a primeira banda gringa desta edição do festival veio lá da França para um tour pelo Brasil, pousou em Cuiabá para duas apresentações. Uma no pré-festival (um dia antes) e outra no Calango. O som indie com vertentes eletrônicas foi novidade aqui e em boa parte dos lugares que eles tocaram nascidades brasileiras – inclusive no Porão do Rock, uma semana antes. Tecnicamente muito bons, o experimental é um das grandes influências do trio, que faz uma sonzeira só com duas guitarras (uma delas com captação decontrabaixo) e uma bateria nervosa bem na frente do palco (o que deu muita dor de cabeça pra ele depois, microfônias e etc). *The Melt*, a última banda de Cuabiá da noite, revela cada vês mais sua vertente progressiva, tendo na sonoridade psicodélica o escape para o stoner cru. A introdução de oito minutosna guitarra fez com que todo mundo se preparasse para o peso logo em seguida, que foi constante até o final do show, todo mundo levantando a cabeça. Segundo Fabrício Nobre, presidente da Abrafin, “eles vieram pra ficar”. Um dos grandes shows da noite, sem duvida. E no final, os baianos do *Cascadura* subiram com ouniforme alaranjado e – mesmo tocando para pouca gente – soube fazer umaapresentação emocionante e quem ficou até o final teve boas surpresas. Se aorganização queria dar para banda a responsabilidade de fechar o primeiro dia, eles corresponderam. E já tem gente daqui querendo a volta dos caras.



segundo dia

No segundo dia boa parte dos congressistas foi visitar a Chapada dos Guimarães, outro serviço oferecido pelo sistema de crédito do Cubo Card, e logo mais a tarde um workshop sobre "Como Turbinar sua Banda", com o dono do selo Midsummer Madness e organizador do Festival Evidente (ex-Algumas Pessoas Tentam te Fuder), Rodrigo Lariú. Várias bandas participaram e saíram de lá com novas perspectivas e com macetes de quem está a muito tempo no mercado.

Já a noite entrando na Cidade das Artes - do lado direito - se via o Plásticalango, um espaço destinados para produtores de artes visuais, design, tatuadores, grifes, fotografias e tudo que pudesse ser exposto e comercializado em cards. Camisetas da grife Padam, que lança a coleção Fora do Eixo. A Volume Grife lançando o projeto de mesmo nome, expositores de outros estados em diversos estandes, além de uma área de vivência aberta ao público durante toda a noite.

Lafusa abriu o segundo dia e fez um show apreensivo (talvez por causa do som), embora redondo. Os brasilienses souberam que iriam tocar no festival cinco dias antes porque eles conseguiram a vaga através do projeto Compacto Rec. Outra que tocou em seguida e também não estava muito a vontade no palco foi os rondonienses do *Hey Hey Hey*, talvez o primeiro grande festival da banda e que, por isso, se saíram muito bem, é uma banda que ainda tem estrada pela frente e logo vão voltar para Cuiabá novamente. *The Dead Lover's Twisted Heart* é

uma banda que só melhora, e aqui (tocando pela primeira vez) se preocuparam em fazer um showzão, conciso e bem elaborado. *Three Pocker* é uma das novas sensações de Cuiabá. Banda recém-formada que tem um batera de "pegada" com 13 anos de idade, não muito diferente da banda - que tem em média 17 anos. O som é um flerte entre as bandas pesadas que escutamos quando temos 16 anos e o pop, no caso muito bem elaborado. Um show com pisada forte e falcetes limpos, a banda só tem a crescer depois do festival.

Quando *Amp* entrou sabia que tinha que fazer um show foda, e não deu outra. O quarteto cru veio fazer rock 'n' roll em Hellcity e se a intenção era deixar a galera que tava no Calango de camiseta suada, deu certo. Boa pegada para se juntar ao *Lopes* - a banda de Cuiabá que tocou depois deles - com um esquema baixo/batera/guitarra eles já tem um séquito de fãs aqui e como de costume, todo mundo cantou as músicas quase subindo no palco, o ápice foi nas músicas *Senhor Feudal* e *Mídia*. *Do Amor* veio pela primeira vez em Cuiabá e o carimbó dançante com várias influências oitentista fez uma galera tirar o pé do chão. Embora com alguns deslizes técnicos do som, a experiência de palco fez com que eles contornassem a situação. Acredito que não foi um dos melhores shows que fizeram, mas o daqui valeu a pena pela noite toda. Strauss deixou a surpresa até a última hora de quem seria o novo vocalista da banda, que já completou mais de dez anos de estrada. Quem assume os vocais é o Samir Junior, figura das antigas no rock cuiabano e também vocalista do *Cachorro Doido*. O show foi



razoável embora o bom nível técnico, a galera que curti a banda das antigas apareceu todo lá, e quem nunca tinha visto ficou lá pra ver o show inteiro.

O esquema de logística dentro do da Cidade das Artes para as bandas que tocavam era de primeiro mundo: primeiro uma van levava os caras até o local do evento, depois os instrumentos eram direcionados à instrumentoteca ao mesmo que os músicos já seguiam para o camarim. De lá, mesmo sendo no mesmo prédio, a banda era levada de van até o palco, por uma pista que contornava o complexo do Centro de eventos do Pantanal. Dois minutos de viagem e eles chegavam atrás do palco, lá os roadies e boa parte da equipe técnica (inclusive um luthier à disposição) recebia os equipamentos e começavam a montar o palco. A banda se apresentava. Logo em seguida outra equipe já vinha e desmontava tudo e colocava van novamente, da beira do palco já tinha um responsável para direcionar as bandas para as entrevistas específicas para pós-palco e já levava a banda para instrumentoteca novamente e para a coletiva de imprensa. Que já eram recebidos por um grupo de jornalistas, tanto locais quanto de fora. E de lá a banda já ia para uma ala de convivência com bebidas grátis. E pronto. Podia curtir o resto da noite.

Filomedusa, do Acre, se apresentou pela primeira vez no Calango e com fortes melodias e linhas muito bem elaboradas fazem um show simples e programado. Hoje o quarteto desponta como uma das promessas do circuito para rodar o país e mesmo com um pouco mais de um ano de formação, já se apresentaram em boa parte dos estados do Centro-Oeste. *Linha Dura* trouxe o rap para o festival e ainda lança o primeiro CD *O Caminho da Resistência (Tchapa e Cruz)* e apresentou um show que incluiu grafite no palco e dança dos beboys de diferentes pontos do estado. Nas letras, mesmo relatando a vivência dos bairros periféricos cuiabanos, foi sucesso de público até pra quem não vive a realidade retratada. Tocou junto com Ebinho Cardoso no contrabaixo e com os Bongs Ynaïã Benthroldo e Bruno Kayapy - bateria e guitarra, além de várias participações de rappers locais incluindo o DJ Taba, que também participa do CD. A banda argentina *El Mato Un a Policía Motorizado* trouxe do país vizinho o psicodélico solto da década de 70 com as várias vertentes indie que rolam pelo mundo hoje em dia. A banda é profissa e o show foi legal, mas também não foi daqueles que encheu os olhos da galera, não culpa deles, mas pela boa programação que fechava o sábado.

Cérebro Eletrônico – também pela primeira vez em terras cuiabanas – não entrou tão empolgado no palco, mas mesmo assim fez um show sem muitos erros, com músicas do novo CD *Pareço Moderno* e algumas mais antigas no repertório. Na coletiva explicaram como é um a banda ter duas (no caso o Jumbo Elektro) e o uso da Internet para divulgar e criar alternativas como - por exemplo - o downloadcard e os outros formatos lançados nesse novo CD. No show do *Macaco Bong* todo mundo subiu pra ver e voltou satisfeito. Mais raivosos do que nunca e centrado sem cada tema, o trio cuiabano é atualmente uma das maiores bandas do circuito independente nacional e também um dos melhores shows eleito pela crítica especializada. Lançou em Maio o primeiro disco intitulado *Artista Igual Pedreiro* pela Monstro e Fora do Eixo Discos e a gravadora Trama, através do projeto Álbum Virtual. Sendo uma banda que leva o conceito do pedreiro em paralelo a vida artística, os três integrantes fazem parte da produção do festival e segundo eles, o show foi só mais uma ação dentro do contexto Calango. *Hurtmold* entrou logo em seguida e não veio com todo o gás que o Macaco tava, mas logo foram se encontrando e fazendo a coisa andar. Nessa hora uma galera já tinha ido embora e acabou perdendo o melhor da festa, que foi ofinal. No meio de vários instrumentos e sons que saíam do palco sem saber da onde veio, todo mundo que ficou lá já estava perplexo. Quando acabou gerou o motim de “volta-volta” e eles voltaram, só que o Marcelo Callado e Benjão (DoAmor), subiram no palco e foi aquela festa ao som do velho Bob Marley, e nem pareceu clichê. No final todo mundo aplaudiu e saiu satisfeito do festival, belo final para uma grande noite de sábado.

terceiro dia

Mesmo sendo um festival de rock, o Calango se desliga cada vez mais desse conceito tanto pela programação trazendo bandas de hip-hop, carimbó e experimental, como também pelo conceito das artes integradas. E a recepção do público a essas novas sonoridades e conexões foi a grande resposta à estética dessa edição do evento. Pela tarde aconteceu a plenária final dos Gt's, encaminhamentos foram firmados e a partir das várias análises dos cinco dias de discussão, novas lógicas na execução dos cinco eixos temáticos foram programadas. Elas já estão sendo aplicadas desde o Calango até os próximos meses. Mesmo com todo mundo cansado ainda havia mais fôlego para a programação de bandas de domingo, todo mundo chegou cedo e pra sair de lá só no finalzinho da noite.

Nesta edição o festival foi apresentado pela Petrobrás, fruto de um edital lançado ano passado através de uma parceria com a Abrafin – Associação Brasileira de Festivais Independentes - e que era destinado para festivais independentes do país. Através desse edital, o festival conseguiu montar uma estrutura bem maior que a dos anos anteriores e por levar a marcar da petrolífera brasileira mostra que a competência de quem o produz é aprovada por uma das maiores empresas do mundo.

N3cr foi a banda que venceu a prévia do festival uma semana antes e, por isso, abriu o terceiro dia com um show ensaiado e com muita gente na beira do palco. Relativamente nova, a banda ainda caminha seus primeiros passos depois de lançar o EP *Sei que é difícil falar que é fácil* e toca no Calango pela primeira vez com integrante novo, o baixista Fernando Schaer. Também prezando avertente hardcore, o *Aoxin* veio na mesma pegada e com um público um pouco maior fez um show agitado. Embora com problemas técnicos durante a apresentação, a banda foi redonda e com boa execução das músicas. *Ayakan* trouxe o metal progressivo para o festival, tiveram boa técnica aplicada no palco e com agudos nos vocais que deixou muita gente na frente do palco só pra ver a próxima nota entoada. *Elma* veio pra cá como uma das bandas esperadas e os temas instrumentais que procuram o ambiente sonoro e que toda hora flertava o metal deu certo durante o show, tudo isso – claro – com uma execução certeira. Show massa de ser ver, mas também não veio pra fazer a grande diferença.

Revoltz já veio no contraponto com a vertente eletro indie e melodias acentuadas pelo teclado e uma bateria rápida de caixa seca. Deu pra ver que o último CD, *Beijono Escuro*, estava na ponta da língua da galera e a guitarra reta com o baixo limpo fez do show o esquema simples e direto. O show é o mesmo de sempre - simples e funcional. Embora tenha começado calmo e sem muita expressão como o do final, o show do *Fóssil* – junto com o da *Cabruêira* – foi o melhor da noite, pela segunda vez na capital mato-grossense, os cearenses driblaram as imperfeições do som e deixou todo mundo comportado, sacando as variações das intenções melódicas e da intensidade. Pelas palmas e gritos depois de cada música a vendagem do CD foi de vento em polpa. Fazia tempo que não via uma banda assim, que assumiu as progressões setentistas e incluía nelas a modernidade do que veio depois do progressivo, pra fazer isso já é difícil, agora fazer bem feito é de valar apenas o show. O



grupo de *Siriri e Cururu*, expressão da cultura cuiabana, foi apresentado pelo secretário municipal de cultural Mario Olímpio e deixou todo mundo curioso pra ver todos aqueles músicos uniformizados no palco, na apresentação – que durou pouco até – muita gente dançou e aplaudiu. Levar a música regional para um festival tão diversificado foi o presente para quem não conhece bem as tradições daqui. E ainda deixou uma galera doida pra participando festival de Siriri e Cururu que vai rolar no final do mês, quem sabe não vaidar muito roqueiro por lá.

O *Porcas Borboletas* veio com um caravana de Uberlândia e – sentindo-se em casa – tocaram para um público grande que conhecia todas as músicas e se dava bem com a influência poética da banda, que é uma das características dos mineiros. No final pediram bis e muitos pedidos antecipados foram anotados para adquirir o novo CD que a banda grava ainda neste ano. O samba/pesado/funk do *Curumim* continuou a diversidade da programação. O público aceitou bem e o show foi executado com extrema segurança pelo próprio Curumim (que cantava e tocava bateria), junto com os outros dois músicos que o acompanhavam. Cheios de swingo repertório foi em cima do ultimo CD, *Japan Pop Show*, e quem não viu perdeu o que se pode fazer com três instrumentos e muita pira na cabeça. A cuiabana *Rhox* apostou nas linhas modernas do metal e soube variar bem o rap. Os caras estão cada vez melhor e o tamanho que ficou a banda em cima do palco deu tom ao preparo que o quarteto está, mais redonda e segura. Nos próximos meses a banda entra em estúdio pra gravar o primeiro CD, ainda sem nome definido.

Muita gente se preparou para ver a psicodelia do *Supercordas* e num show não tão seguro e cheio de experimentações pisaram no palco ainda meio morno, e foi seguindo assim até a última música. Na coletiva, a

banda elogiou a temática do Calango falando do esquema de artes integradas o que, segundo eles, deviam estar em todos os festivais de música do país e ainda completou que o show não foi como esperava por causa da acústica do local. Do psicodélico com guitarrinhas imaginárias para o rap. Os paulistanos do *Contrafluxo* tomaram conta do palco e de repente todo mundo estava com a mão levantada, batendo no ritmo. Letras fortes e ritmos compassados que – quando acabou – deixou o gosto de quero mais. Embalou as rodas de break e até novos passos foram criados. No dia anterior parte do grupo havia participado – de improviso - do show do rapper *Linha Dura* e daí já se sentiram a vontades para o show de domingo.

Cabruêra já foi na onda experimental do folclore regional e suas mais distintas influências com o chapéu do cangaceiro até o tipo de espingarda do sertão, tudo isso musicalmente. Vindos da Paraíba, o grupo já rodou grande parte do mundo e caiu pela primeira vez em Cuiabá, e por aqui foram recebidos como uma lendária banda. A galera foi pra cima do palco e a cada música tinha uma nova surpresa. Um dos melhores shows da noite e uns dos sons mais ousados do festival, feitos por um “bando de cabras” (que é o que significa o nome da banda) que abrilhantou o set de bandas do dia. O *Vanguard* fez boa parte da galera ficar até o final para fechar bem o Calango. O show foi dançante e com uma grande qualidade técnica e com isso - mesmo sendo as três da manhã - a galera ainda tinha fôlego pra cantar todas as músicas e se espremer na grade do palco. Um show emocionante desde o começo e com certo ar de intimidade, que é sempre a característica quando a banda toca no Calango. No final, quando tocaram *Semáforo* foi a explosão da festa. E a sexta edição do festival acabou em tom festeiro, grandes bandas na noite de domingo e um público que não queria mesmo sair do Centro de Eventos do Pantanal.

00h08m13s

Marcelo "Addam" Leite

Meus ponteiros pararam. Essa era minha constatação pessoal mais importante dos últimos tempos. A princípio, não era nada filosófico, não. Uma manhã eu simplesmente acordei e era meia-noite, oito minutos e treze segundos. Por algum motivo, estava preso a esse segundo, especificamente. Achei bonito o sol brilhar a essa hora, ainda que costume sempre gostar mais da noite. Deu-me a sensação que ela havia roubado mais alguma coisa do dia e tornado ele totalmente insignificante.

O céu azul da meia-noite e oito, aliás, era melhor que aquele de manhã de primavera. Sei lá exatamente o porquê. Só era. Levantei pra tomar café e vi na porta que o jornalista também já se havia acostumado ao novo horário, então pelo menos eu não ficaria desatualizado, mesmo parado no tempo. Lembrei que tinha ido dormir as onze e trinta, mais ou menos, e fiquei pensando com meus botões no quanto teria acontecido no mundo em 38 minutos. Segundo o telejornal da manhã, muito. Adorei que todos estivessem curtindo tanto aquele eterno "segundo treze" quanto eu. Ou, ao menos, nenhuma notícia de pânico nas ruas.

Achei ótimo também não me apressar em colocar o terno. Nunca mais estar atrasado para reunião alguma era uma perspectiva muito boa. Gosto de ser pontual. Faço questão, aliás. Só não achei uma gravata que combinasse com minhas novas descobertas, no entanto. Àquela hora seria difícil encontrar uma loja aberta, mesmo no Centro. Mas deixei pra lá e peguei só o que combinasse com o traje, mesmo.

O café estava bom. Nunca me incomodei com essas coisas de tomar café à noite. Ainda durmo feito uma pedra, quando a cabeça toca no travesseiro. Aliás, tem vezes que até ligo a cafeteira a altas horas, só porque dá vontade de encher a caneca e esquentar os ossos. Mas só pelo sol brilhando, parecia mais gostosa aquela dose de cafeína noturna. De alguma forma, me senti tão transgressor em gostar demais daquele segundo congelado. Mas se ninguém mais parecia se incomodar, achei que não me cabia qualquer preocupação a respeito.

Antes de sair, preni o relógio ao pulso e ajeitei as mangas. Precisava saber, caso o tempo decidisse voltar a andar. E foi no elevador que eu quase perdi o meu precioso segundo. "Cara, seu relógio parou.", comentou o adolescente ao meu lado. "Eu tive um igual, a bateria dos ponteiros dura menos que a do mostrador digital. É esquisitão."

Eu estava atrasado.

todos à bordo



Rúbia Cunha

Com uma música no melhor estilo "Twilight Zone" e cenários surreais de uma floresta amaldiçoada por bonecos gigantes vivos, cogumelos para lagarta nenhuma botar defeito e pastores alemães pintados em papéis de lobos, *A Companhia dos Lobos* (*The Company of Wolves*, EUA-Inglaterra, 1984), do diretor Neil Jordan ("Traídos Pelo Desejo" e "Michael Collins"), é uma paródia da fábula Chapeuzinho Vermelho.

Esse filme é um dos que geram controvérsias de opiniões. Aclamado por um lado, escarrado pelo outro, o cenário familiar da infância, com as famosas recomendações de não conversar com estranhos, jamais sair de uma trilha dentro de florestas e tomar todo cuidado possível, ainda podem ser encontrados.

Mesmo que estejamos acostumados com a mãe dando os conselhos na fábula, Angela Lansbury (avó de Rosaleen) torna-se uma presença tenebrosa com seus conselhos, histórias e dos perigos esperados, especialmente de homens cujas sobranceiras se encontram.

Fala sério! Coitado dos homens que vemos com tanta frequência aqui no Brasil.

Mas, sadicamente a avó se diverte em assombrar sua neta Rosaleen (Sarah Patterson, a chapeuzinho da vez), que por sinal é uma caçula hipócrita e atormentada psicologicamente.

O filme corre de modo virtuoso, tendo cenários que oscilam entre a vida contemporânea moderna e a medieval. E insinua que os lobos são verdadeiras criaturas bestiais, mas logo buscam amenizar ao dizer que há lobos e "lobos".

É aqui que surge a novidade de pegar um lobo e transformá-lo em um lobisomem, e o filme virtuoso em um suposto filme de terror "altamente recomendado" por encher os olhos em suas imagens misteriosas e seu jogo de sombras.

Vamos falar sério um com o outro?

A primeira transformação de homem para lobisomem, interpretada por Stephen Rea, é uma das mais agonizantes e hilárias que já pude presenciar. No começo, dá agonia e pode ser forte demais para quem tem estômago fraco e acabou de almoçar, mas a continuação torna-se tão engraçada que eu literalmente preciso parar o filme para me recompor das gargalhadas.

Creio que todos se lembram da transformação do lobisomem no filme *Van Helsing*, aonde o cara chegava a arrancar a pele para deixar o lobo surgir e se transformar na besta. Pois é, às vezes chego a pensar que filmes antigos, e hoje trashes, servem de inspiração para as melhorias dos de lobisomens de hoje.

No mais, quando você for ver o filme, se é que já não o viu, lembre-se que noventa e três minutos podem vir a se tornar a verdadeira história de terror para os espectadores.

para ver

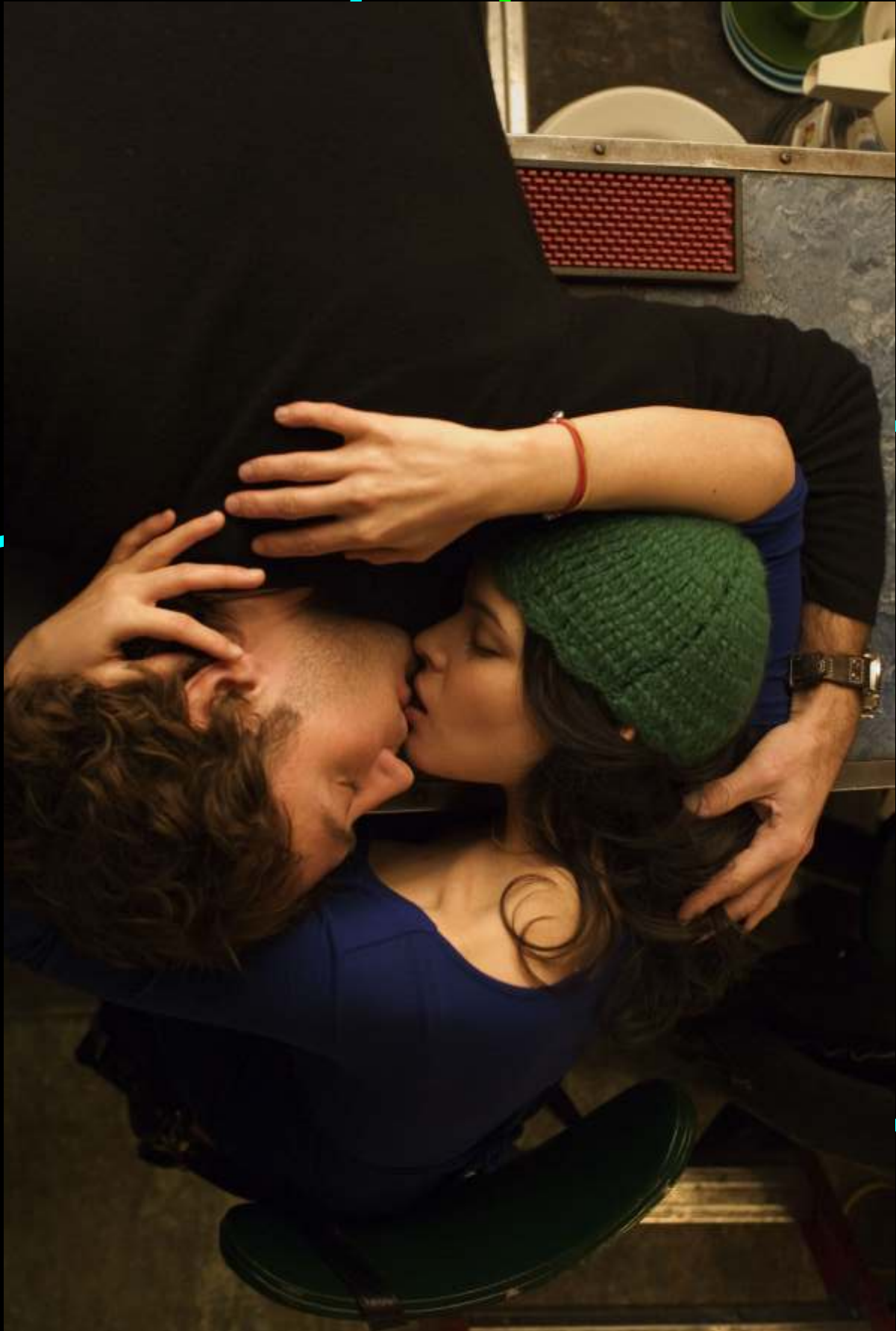
nightie nights

Começa com a caída do baixo e a bateria. Depois entra a voz melódica de Norah Jones cantando "I don't know how to begin/ cause the story has been told before/ I will sing along I suppose/ I guess it's just how it goes...". E daí a história corre e ela será acompanhada em certo ponto pelos olhos inexperientes da própria Norah Jones. Mas não é realmente ela. Aqui os olhos são de Elizabeth, uma moça que reside em Nova York. Um belo dia ela vê o namorado com outra mulher num pequeno, mas charmoso café da cidade administrado por Jeremy (Jude Law). Ela fica com raiva, claro, e resolve deixar as chaves do apartamento no tal café caso o ex as queira de volta. Enquanto a história de Elizabeth e Jeremy é desvendada, nós espectadores passamos a ser testemunhas dela através da vitrine e do neon da cidade. Estamos distantes, mas cúmplices de cada conto a respeito das chaves esquecidas no bar, de cada mordida na desprezada torta de blueberry, e de um beijo roubado.

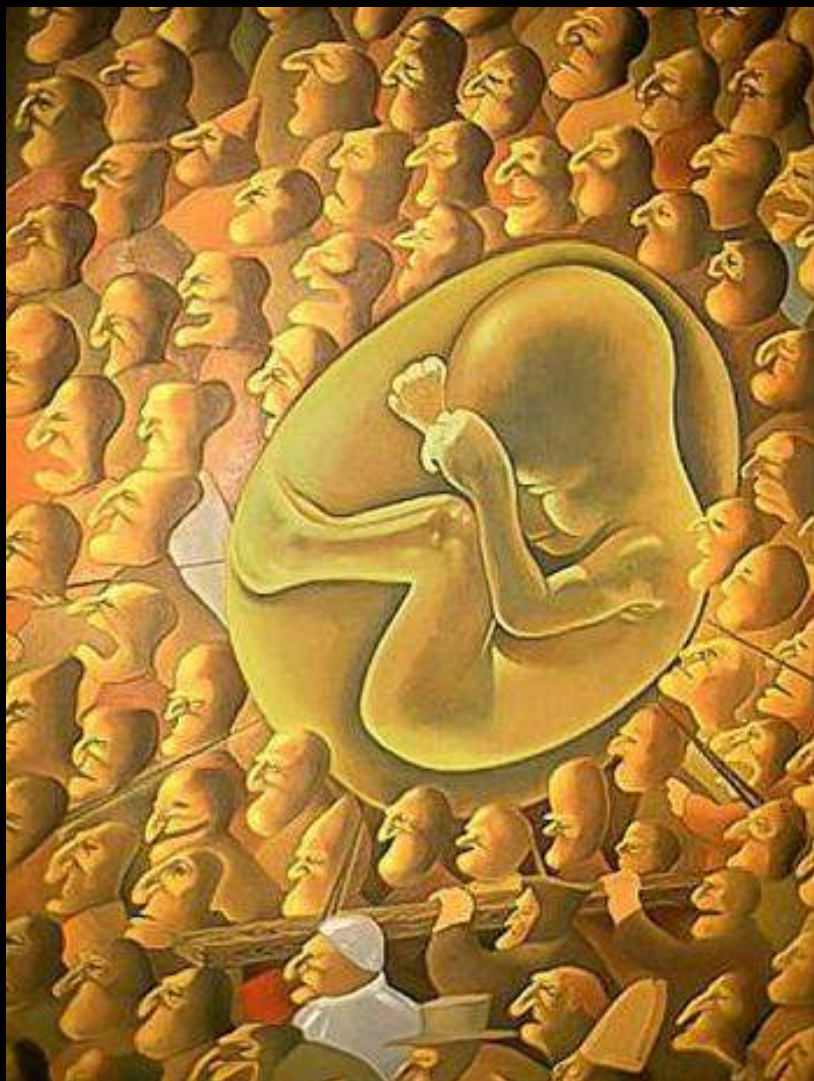
Quando Elizabeth decide sair pelo país numa road trip estranha, com jeito de experiência espiritual, ela passa a ser testemunha de outras histórias. No arcaico Tennessee, num bar desses pés-sujos comuns, ela conhece Arnie (David Strathairn) que é um policial correto de dia e um bêbado digno de piedade à noite. É um sujeito que não aceita a separação da mulher Sue Lynne (a ótima Rachel Weisz), que ganhou status de vilã apenas por querer seguir adiante. Da tragédia comum do interior, Elizabeth segue até Nevada, onde vai trabalhar como garçoneite em um cassino. Numa noite ela cai na lãbia de Leslie (Natalie Portman), garota rica viciada em pôquer. Acha que é boa jogadora porque sabe ler o rosto das pessoas, o que é não é uma verdade.

Um Beijo Roubado (My Blueberry Nights, Hong Kong, EUA e Reino Unido, 2007), foi o primeiro filme de língua inglesa dirigido pelo cultuado Wong Kar-Wai. Ficou conhecido por *Amores Expressos*, quando recebeu a indicação no Independent Spirit Awards. Sua obra-prima, no entanto é *Amor à Flor da Pele*, quando ganhou prêmio de melhor diretor em Cannes. Em *Um Beijo Roubado*, o diretor ligou para Norah Jones e pediu um encontro. Ela topou achando que o diretor gostaria de alguma música dela, bom, foi isso também, só que ela nunca imaginou que Wong também a queria na tela e como o personagem principal. Acontece que ele escreveu o papel pensando na cantora. Era a sua única opção, inclusive. Faz todo sentido. Elizabeth é um personagem de rosto comum, inexperiente, inocente demais, quase assustada. Seria complicado garimpar uma atriz que fizesse o gênero sem muito esforço. Era melhor ter alguém que fosse assim ao natural. Claro que Norah não conseguiria segurar a peteca sozinha, mas Wong foi esperto suficiente para convocar grandes atores - como Law, Portman e Weisz - e dar o suporte dramático necessário além de tirar o foco da iniciante nos momentos mais densos. Norah Jones conseguiu cumprir a sua função direitinho, e a turma experiente roubou a cena quando tinha de acontecer.

Um Beijo Roubado é um filme delicioso, mesmo sendo um pouco lento. Embora a trama em si seja um clichê lascado, as coisas devem ser encaradas exatamente como Norah avisa logo nas primeiras imagens: a história já havia sido contada, mas que ela iria prosseguir assim mesmo porque é como as coisas acontecem. Em tempo, parece que Wong gosta de colocar cantoras cults diante de suas câmeras. Cat Power também integra o elenco num papel pequeno e também participa da trilha sonora.



o ser humano, o alheamento e a esperança



Ruben Cukier. Messias. Óleo sobre tela. Sem data.
120x80cm. Acervo do artista.



Ruben Cukier. O sonho, a vigília e a morte.
Sem data. Óleo sobre tela. 80x60cm.
Coleção particular.

Por: Leonardo de Moura

Na sessão *Olhares* deste mês, escolhemos duas obras do argentino radicado em Israel Ruben Cukier. Observar sua obra é deparar-se, num primeiro olhar, com uma poética que logo se mostra acompanhada de estranheza. Suas imagens quase sempre citam o ser humano, representando-o fundido ou integrado a outros elementos visuais maiores, como edificações ou mesmo aglomerados de pessoas. Sua maior inspiração são sonhos ou pesadelos, aos quais tenta dar forma por meio de suas pinceladas. A estranheza, por sua vez, advém inicialmente da inspiração da qual ele se vale, mas Cukier vai além: buscando uma realidade menos decepcionante e superficial, ele tenta transmitir uma noção de esperança que não pode ser detectada sem antes se observar acuradamente suas pinturas. Este tema, porém, não transparece imediatamente, mas somente ao se observar alguns detalhes de suas obras.

Em *Messias*, Cukier nos apresenta um feto que parece ser carregado pela multidão, alheio a tudo que se passa a seu redor. A multidão, por sua vez, parece ser recíproca a esse sentimento. Isso se percebe, sobretudo, nos rostos tão diversos representados; as expressões faciais são inúmeras: raiva, dor, indiferença, alegria, espanto, todas essas emoções os caricatos personagens nos apresentam. O alheamento, porém, é o mesmo em todos eles. Os personagens dessa obra estão envolvidos numa certa cadência, uma curiosa mistura de torpor e movimento. Todos eles – exceto o feto – mesmo apresentando somente seus rostos e eventualmente um dos braços, parecem marchar para o lado esquerdo do observador. Os únicos que parecem escapar dessa cadência são as sete figuras próximas e abaixo do ombro do feto, uma das quais aponta o dedo de modo quase acusativo e espantado para ele. Seu elemento em comum consiste nos *gestos* feitos com o braço por uns, e no *olhar* dirigido ao feto por outros, pois não são jamais gratuitos, mas ajudam a quebrar o torpor citado. A idéia de reação apresenta-se aqui. Estes personagens que quebram o torpor são precisamente *agentes*, isto é, mais do que meros espectadores ou participantes da procissão que se descortina. Fossem gratuitos, seus gestos não conduziriam à quebra da cadência. O feto, por outro lado, esconde seu rosto, num gesto típico de quem se recusa a ver o que há ao redor, e não de quem brinca com os movimentos dos braços que está ainda a descobrir que possui, como é típico de crianças ainda não nascidas. Podemos inferir isso a partir da expressão de seu rosto, que remete à dor. Na verdade, não é a multidão que reage ao sentimento de ausência do feto, mas ele reage ao distanciamento apresentado por ela. É o pesadelo contrapondo-se à esperança escondida na quebra do ritmo por parte dos *agentes*.

Em *O sonho, a vigília e a morte*, novamente o destaque fica para os rostos e seu alheamento ao que se passa ao redor. Cabeças dispostas quase de maneira totêmica (sob uma acepção visual, obviamente), numa clara representação do ser humano, parecem nem mesmo ter consciência da presença umas das outras. Os sentimentos que demonstram diferem: a primeira (em cima, menor) apresenta uma face severa, sisuda. A segunda, com pouca diferença da primeira, expressa indiferença, ausência até. A terceira delas se destaca das demais não só pelo tamanho, mas por estar claramente sorrindo. Ao se tomar o título da obra e atribuir a cada cabeça um nome presente nele, temos, de cima para baixo: o sonho, irritadiço; a vigília, séria; e a morte, alegre. Apresenta-se aqui, mais uma vez, a contradição, pelo menos ao senso comum: a morte é quem traz a alegria. O sonho e a vigília, por sua vez, não são capazes de fazê-lo. Mas ao mesmo tempo em que se observa a obra a despeito de seu título, nosso olhar ocidental quase que nos obriga a percorrê-la de cima para baixo, observando as cabeças a partir da menor para a maior. A expressão de raiva contida se altera, gradual mas rapidamente, para a alegria do sorriso, este também contido. O que no senso comum é algo negativo torna-se positivo, e mais uma vez vê-se a tentativa de mostrar veladamente a esperança.

Por fim, há que se destacar que os sentimentos “usados” quando da feitura das obras faziam parte de um contexto e um momento todo próprio de quem quis lhes dar materialidade: o artista. Isso não significa, entretanto, que ao tomarem contato com outros universos particulares – cada uma das pessoas que vier a ter contato com elas – as obras devam suscitar reações idênticas, visto que universais são somente os sentimentos que tentaram ser transpostos. O modo de reagir e lidar com esses sentimentos no ato da fruição da obra variará sempre, e há quem possa observar algum trabalho de Cukier, sendo estes apresentados aqui ou não, e não veja nada do que foi descrito. Essa idéia de reação diversa é, a um só tempo, o *próprio* da Arte (com “A” maiúsculo) e também das obras apresentadas: reagir ao que a obra de arte nos apresenta é necessário – ou seria mais adequado dizer *interagir*? Todavia, isso deve acontecer no contato do universo de cada um com a obra, e simplesmente tentar conduzir uma interpretação, seja através de títulos ou pequenas análises como esta, nunca passará de especulação, por mais instrumentos de análise que o campo da arte nos ofereça.

ultimate marvel

mundo geek



Leonardo de Moura

Um dos grandes problemas de personagens como Homem-Aranha, os X-Men ou o Quarteto Fantástico é o longo tempo de publicação de suas histórias. A Marvel, merecidamente chamada de “Casa das Idéias”, deu vida a estes e tantos outros ícones dos quadrinhos ainda na década de 60, e ao contrário de sua grande rival DC Comics, nunca zerou a cronologia de suas revistas para recomençar a contar suas histórias. Isso é excelente para quem gosta de solidez e tradição, pois a origem do Demolidor ou dos Vingadores contada quarenta anos atrás é a mesma que vale ainda hoje.

O problema gerado por esse fato, porém, refere-se aos novos fãs que não nasceram naquela época ou que decidiram acompanhar quadrinhos somente mais tarde: a carga histórica dos personagens é tamanha que, para entender elementos apresentados nas histórias atuais, é preciso recorrer a edições antigas, muitas vezes publicadas há duas décadas ou mais.

Pensando nisso, a Marvel decidiu adotar uma solução diversa da DC: ao invés de zerar suas publicações, ela lançou, em meados de 2000, o selo *Ultimate*, que conta as histórias de seus principais personagens a partir do zero, com temática muito mais atual e realista. A primeira tentativa não podia ser com outro personagem que não o mais popular ícone da editora, o Homem-Aranha. Logo, seguiram-se as versões *ultimate* dos X-Men, dos Vingadores e, mais recentemente, do Quarteto Fantástico. Nessa nova linha, coisas que os fãs sempre quiseram ver acontecer no universo Marvel tradicional, mas eram tidas como verdadeiros “tabus”, puderam enfim ser mostradas: Capitão América finalmente deixou de ser um escoteiro bonzinho a serviço do governo para se tornar um impiedoso e violento soldado; o Homem-Aranha deixou de formar par com a ruiva Mary Jane, abrindo-se a possibilidades românticas como a mutante Kitty Pryde (!), dos X-Men; o professor Xavier tornou-se um ativista mutante muito mais incisivo e que nunca escondeu sua identidade nem a de seus alunos; e o Quarteto Fantástico deixou de ser um grupo de aventureiros exóticos, passando a explorar com muito mais ênfase o aspecto científico de suas histórias.

As repercussões deste novo universo Marvel chegaram até mesmo aos filmes de seus personagens: o coronel Nick Fury negro, interpretado por Samuel L. Jackson na cena escondida no final de *Homem de Ferro*, veio diretamente deste novo universo, e não do tradicional. Há rumores de que isso seja o primeiro indício de que no futuro seja lançado um filme dos Vingadores ao estilo de sua versão *ultimate*, os *Supremos*.

Como tudo que é bom dura pouco, há ainda quem especule que o universo Marvel *Ultimate* esteja próximo de seu fim, por causa da saga *Ultimatum*, a ser lançada nos EUA em breve. Essa notícia divide os fãs, pois muitos defendem que é melhor encerrar o universo *Ultimate* enquanto suas histórias ainda mantêm um padrão de qualidade alto (apesar de algumas críticas severas ao volume 3 de *Supremos*, ainda inédito por aqui), e outros preferem que os títulos não sejam descontinuados tão cedo. Visto que a Marvel não se pronunciou oficialmente sobre o assunto, resta a nós acompanhar as versões mais atualizadas de seus personagens enquanto elas ainda durarem... e a qualidade das histórias não cair, é claro!

As histórias de todos os personagens do selo *Ultimate* podem ser acompanhadas no Brasil na revista *Marvel Millenium: Homem-Aranha*, publicada mensalmente pela Panini.

a melhor do mundo

Acima: Zé Roberto, Thaísa, Fabiana, Walewska, Fofão, Carol Albuquerque, Paula Pequeno, Sheilla, Paulo Coco, Cláudio Pinheiro, Zé Elias. Abaixo: Jaqueline, Valeskinha, Mari, Sassá, Fabi, Dr. Júlio Nardeli, José Regi, Marco Antônio.

cinco bolinhas



Aí está a melhor equipe de vôlei feminino do mundo! O Brasil finalmente foi ouro nos Jogos Olímpicos de Pequim com uma apresentação de gala nos sete jogos que disputou. Perdeu apenas um set: no jogo final contra as rivais norte-americanas que levaram a prata depois de um duelo tenso. Esse é um título que merece ser comemorado e muito.

É verdade que ele é resultado de um processo maior que envolve as gerações anteriores. Em especial a partir daquela dos anos 80, com Isabel, Jaqueline Silva e Vera Mossa, que deu o pontapé inicial para transformar e popularizar o vôlei feminino. Todas trabalharam a duras penas para que a seleção pudesse chegar ao topo. Porém, por mais que todas essas pessoas precisem ser lembradas e ter os seus valores reconhecidos, o ouro dessa que é a melhor geração brasileira até agora não pode ser dividido. O

título é dessa equipe e de mais ninguém, porque dividir medalha significa, de certa forma, dizer que a herança das falhas dos times anteriores procede. O que acabou acontecendo eventualmente e de forma injusta.

O técnico José Roberto Guimarães, o Zé Roberto, e a ponteira/oposta Marianne

Steinbrecher, a Mari, carregaram sem merecer o terrível fardo do famoso "24x19", a derrota diante da Rússia na semifinal dos jogos de Atenas 2004. Foi quando o vôlei feminino adquiriu a fama de "amarelão" por causa de uma equipe feita às pressas e cheia de atritos internos. A então novata Mari fez 37 pontos naquela ocasião, mas errou a última bola. As veteranas daquela equipe calaram-se e deixaram a novata pagar o preço. Já o técnico Zé Roberto teve o seu comando e atitudes questionados em diversos momentos.

Levou-se quatro anos para exorcizar o fantasma, e quando aconteceu, Mari comemorou com um gesto para que seus críticos calassem a boca. Um desabafo legítimo.

É bom lembrar que essa equipe, embora a mais criticada, foi a mais vitoriosa e constante. Conquistou três títulos de Grand Prix, dois Montreux, diversos torneios menores internacionais, foi vice-campeã no Mundial, no Pan-Americano e na Copa do Mundo.

O título olímpico veio coroar um trabalho espetacular liderado pelo Zé Roberto. Parabéns pessoal. Para torcedores que acompanham a seleção feminina até nas madrugadas, como eu, esse ouro lavou a alma.

